

Adultização: um risco para a saúde mental e sexual das crianças

Autoras:

- **Lucia Alves da Silva Lara, Ginecologista e Sexologista, Mestre e Doutora pela USP, vice-presidente da Comissão Especializada de Sexologia da FEBRASGO**
- **Tainara Tavares Menchete Ginecologista e Sexologista**

É a percepção equivocada de que uma criança é mais velha e madura do que sua idade ou estágio atual de desenvolvimento. Esse processo ocorre quando adultos interpretam de forma distorcida a fase do desenvolvimento neuropsíquico da criança projetando nela suas expectativas derivadas de sua própria experiência adulta. Como resultado a criança receberá um “treinamento” para assumir atitudes e responsabilidades que não correspondem ao estágio real de seu desenvolvimento. As crianças adultizadas passam a assumir comportamentos semelhantes aos dos adultos, o que pode ter implicações negativas para a saúde mental e física delas, e ainda privá-las das proteções normalmente garantidas a elas (Cooke e Halberstadt 2021).

A adultização é frequentemente observada em famílias com vulnerabilidade socioeconômica, nas quais as crianças são inseridas em funções destinadas primariamente aos adultos. O desenvolvimento precoce dessas habilidades pode promover maior autonomia para a criança, mas a expõe a uma sobrecarga emocional que ultrapassa os limites do que seria esperado para a infância. Isso pode levar a um aumento do risco para transtornos ansiosos e depressivos, favorece a sensação de desamparo e, na vida adulta, pode interferir nas suas relações interpessoais (Roy et al. 2014).

A adultização também ocorre no nível sexual onde crianças são inseridas em conteúdos sexuais adultos e disponibilizadas na mídia, o que aumenta o risco de violência sexual principalmente em populações mais vulneráveis incluindo raça, cor e gênero. Estudos evidenciam que as adolescentes negras são mais vulneráveis à violência sexual em relação às mulheres brancas, asiáticas e latinas (Smith et al., [s.d.]). Dentre os possíveis crimes que podem ser facilitados pela adultização de crianças está a sextorsão ou extorsão sexual. Esta prática

consiste em imposição de chantagem sexual pelo agressor, exigindo que a vítima exiba ou compartilhe, virtualmente, imagens suas de cunho sexual, que serão utilizadas para controlá-la, o que configura o “abuso sexual baseado em imagens” (ASBI) (Henry e Beard 2024).

O ASBI refere-se à captação, criação ou compartilhamento não consensual de imagens que revelam a intimidade corporal ou sexual de uma pessoa, por meio de fotos ou vídeos. A sextorsão é uma forma de ASBI, bem como a coerção para o *sexting*, que envolve pressionar, ameaçar ou coagir alguém a compartilhar suas imagens íntimas, o *deepfake* que envolve usar a inteligência artificial para criar imagens sexualizadas falsas ou digitalmente alteradas e o *cyberflashing* que é o envio não solicitado e indesejado de imagens sexualmente explícitas (Henry e Flynn 2019).

Predadores sexuais também utilizam sites e aplicativos de encontros on-line, além de plataformas de redes sociais, para realizar o ataque a pessoas emocionalmente vulneráveis simulando encontros românticos, que são na verdade fraudulentos (Cross et al. 2023). Um estudo com 1.385 adolescentes que foram vítimas de sextorsão, a maioria era menor de idade e foram vítimas de seus parceiros românticos. O fornecimento de imagens pelos adolescentes foram algumas vezes espontâneas mas, a maioria foi coagida a compartilhar as imagens sob ameaças de agressões físicas e intimidação que durou meses (Wolak et al. 2018).

A educação sexual é fundamental para discutir com adolescentes sobre sexualidade, saúde sexual e riscos cibernéticos da exposição de imagens do corpo. O ginecologista e obstetra precisa conhecer o comportamento sexual das adolescentes e obter conhecimento a respeito. Para isso, é necessário que as perguntas a respeito das práticas sexuais não denotem valor moral ou julgamento (Tabela 1).

Tabela 1: Abordagem e orientações para adolescentes para prevenção de violência sexual

Investigar
▪ Como você se sente em relação ao seu corpo e às mudanças que têm acontecido?

- Você sente alguma pressão de amigos(as), parceiro(a) ou da internet para ter comportamentos sexuais?
- Já recebeu mensagens, fotos ou convites de pessoas desconhecidas em redes sociais com conteúdo sexual? Como reagiu?
- Você já teve relação sexual? Se sim, como foi para você?
- Você já foi pressionada a enviar fotos íntimas (sexting) ou a se expor em vídeo?
- Você sabe o que é sextorsão ou abuso sexual baseado em imagens? Já presenciou ou sofreu algo semelhante?
- Você costuma conversar com alguém de confiança (pais, amigos, professores) sobre questões de sexualidade?
- Você já recebeu informações sobre métodos contraceptivos e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs)?
- Você se sente segura para procurar ajuda se algo relacionado à sua vida sexual a deixar desconfortável ou com medo?
- Já fez consultas médicas ginecológica ou relacionadas à saúde sexual?

Orientar

- Não existe obrigação em iniciar a vida sexual cedo.
- Orientar que a decisão de ter práticas sexuais é dela e livre de coerção
- Orientar o uso de preservativo desde a primeira relação, para proteger contra ISTs.
- Orientar e prescrever método contraceptivo seguro
- Orientar a nunca enviar fotos íntimas, mesmo para parceiros de confiança; imagens digitais podem ser copiadas e usadas contra a vontade.
- Buscar ajuda imediata em situações de pressão, ameaça ou exposição indevida de imagens (pais, professores, conselho tutelar, escolas, serviços de saúde, canais de denúncia)
- Informar que coerção, chantagem e exposição não consentida configuram violência sexual e nunca são culpa da vítima

Bibliografia

- Cooke, Alison N., e Amy G. Halberstadt. 2021. "Adultification, Anger Bias, and Adults' Different Perceptions of Black and White Children". *Cognition & Emotion* 35 (7): 1416–22.
<https://doi.org/10.1080/02699931.2021.1950127>.
- Cross, Cassandra, Karen Holt, e Roberta Liggett O'Malley. 2023. "If U Don't Pay they will Share the Pics': Exploring Sextortion in the Context of Romance Fraud". *Victims & Offenders* 18 (7): 1194–215.
<https://doi.org/10.1080/15564886.2022.2075064>.

- Henry, Nicola, e Gemma Beard. 2024. "Image-Based Sexual Abuse Perpetration: A Scoping Review". *Trauma, Violence & Abuse* 25 (5): 3981–98. <https://doi.org/10.1177/15248380241266137>.
- Henry, Nicola, e Asher Flynn. 2019. "Image-Based Sexual Abuse: Online Distribution Channels and Illicit Communities of Support". *Violence Against Women* 25 (16): 1932–55. <https://doi.org/10.1177/1077801219863881>.
- Roy, Kevin, Lauren Messina, Jocelyn Smith, e Damian Waters. 2014. "Growing Up as 'Man of the House': Adultification and Transition Into Adulthood for Young Men in Economically Disadvantaged Families: Growing up as 'Man of the House'". *New Directions for Child and Adolescent Development* 2014 (143): 55–72. <https://doi.org/10.1002/cad.20054>.
- Smith, Sharon G., Xinjian Zhang, Kathleen C. Basile, et al. [s.d.]. *The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey : 2015 Data Brief – Updated Release*. Acesso em 16 de agosto de 2025. <https://stacks.cdc.gov/view/cdc/60893>.
- Wolak, Janis, David Finkelhor, Wendy Walsh, e Leah Treitman. 2018. "Sextortion of Minors: Characteristics and Dynamics". *The Journal of Adolescent Health: Official Publication of the Society for Adolescent Medicine* 62 (1): 72–79. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2017.08.014>.